

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL PERCEBIDA: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS

ENVIRONMENTAL AWARENESS AND PERCEIVED EMOTIONAL INTELLIGENCE: A STUDY WITH TEENS AND YOUNG ADULTS

Kerciane Gondim de Matos¹

Claudia Cecilia Blaszkowski de Jacobi²

Adarita Souza da Silva³

O termo desenvolvimento sustentável tem sido utilizado para designar as dimensões da sobrevivência humana futura, de modo a garantir suficiente qualidade no curto e no longo prazo dos recursos naturais. Para tanto, são necessárias ações multidisciplinares que incluam a relação do homem consigo mesmo, com o outro e com seu meio. Uma das dimensões da sustentabilidade é a psicológica, que engloba a sensação de bem-estar que transcende o aspecto social. Diante disso, esta pesquisa pretende analisar se existe correlação entre a Inteligência Emocional Percebida (IEP) e a consciência ambiental dos jovens aprendizes do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC - de Feira de Santana. Para tanto, foi efetuado um estudo de caso com 80 sujeitos, numa abordagem quali-quantitativa, quanto aos objetivos caracterizada como exploratória e descritiva. Como resultado, obteve-se um $R\hat{o}$ de Spearman = 0,445; p-valor < 0,01, que implica dizer que existe correlação altamente significativa entre os dois construtos pesquisados.

Palavras-chave: Consciência Ambiental. Desenvolvimento Regional. Inteligência Emocional Percebida. Educação e Sustentabilidade.

The term sustainable development has been used to describe the dimensions of the future human survival in order to ensure the quality of natural resources in the short and long-term. Therefore, multidisciplinary actions become necessary, including the relationship of man with himself, with others and with the environment. One of the dimensions of sustainability is the psychological dimension, which includes the well-being feeling that transcends the social aspect. Thus, this research aims to examine whether there is a correlation between Perceived Emotional Intelligence and the environmental awareness of young apprentices of the National Commercial Training Service - SENAC - Feira de Santana. Therefore, a case study was conducted with 80 subjects within a qualitative and quantitative approach. As a result, we obtained a Spearman $\rho = 0.445$; p-value < 0.01, which implies that there is a significant correlation between the two surveyed constructs.

Keywords: Environmental Awareness. Regional Development. Perceived Emotional Intelligence. Education and Sustainability

¹Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (FAMAM-BA). Docente da UNIFACS e FTC. kercianegondim@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/8752355331473439>.

²Doutora em Ciências (USP). Docente da FAMAM. cbjacobi@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/1091572485075655>.

³Mestre em Educação (UEFS). Docente da FAMAM. adaritaaf@ig.com.br <http://lattes.cnpq.br/7521241980684577>.

INTRODUÇÃO

A lógica capitalista vigente somada ao avanço tecnológico e aumento da renda média da população brasileira são fatores que marcam as relações sociais por meio do consumo desenfreado e da produção em larga escala. Os impactos desse processo vêm sendo percebidos na crescente degradação da natureza decorrente da ação humana. O cenário contemporâneo aponta a urgente necessidade de mitigar esses impactos ambientais.

Nesse sentido, as discussões a respeito da sustentabilidade contribuem para a construção de políticas públicas a fim de buscar a harmonia na relação do ser humano com o meio ambiente, através de práticas sustentáveis que contabilizam e gerenciam a exploração de recursos e investimentos tecnológicos. Para tanto, fazem-se necessárias ações, no âmbito macro e micro, apoiadas na multidisciplinaridade, que tenham por objetivo influenciar o desenvolvimento de uma relação sustentável do indivíduo consigo e com os demais sujeitos que fazem parte do seu convívio, ou ainda, nos diversos aspectos que constituem o meio ambiente.

O meio ambiente inclui e transcende os elementos do mundo natural, como a fauna, a flora, a atmosfera, o solo e os recursos hídricos, uma vez que engloba as relações entre as pessoas e o meio onde vivem (BURSZTYN; BURSZTYN, 2006). Diversos estudos estão sendo desenvolvidos neste contexto; contudo, existe uma dimensão pouco explorada nas pesquisas atuais sobre sustentabilidade, qual seja: as emoções que permeiam as relações entre os indivíduos (MATURANA; DAVILA, 2004).

Esse aspecto aponta para a necessidade de se desenvolver uma ecologia que conceba o ser humano na simbiose mente e coração, o que implica em outro nível de consciência (BOFF, 2000). Em outras palavras, é preciso incluir nas discussões sobre a sustentabilidade o arcabouço das emoções, mais especificamente na dimensão psicológica, o que requer, por sua vez, a aceitação do outro como legítimo no processo de convivência (MATURANA, 1998).

Estudos mais recentes enfatizam a importância das emoções para o desenvolvimento pessoal, ou seja, da Inteligência Emocional - IE (LEITE; ALVES, 2005). O psicólogo Daniel Goleman é o responsável pela popularização deste termo, e para ele a IE se refere à:

Capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços, de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante (GOLEMAN, 2001, p. 46).

As aptidões relacionadas à inteligência emocional incluem: autocontrole, zelo, persistência e a capacidade de automotivação. Sendo assim, a capacidade de controlar impulsos torna-se a base da força de vontade e caráter (GOLEMAN, 2001). De certo, a raiz do altruísmo está na empatia, que se refere à capacidade de identificar emoções nos outros.

Na definição de Bar-On (2002), o construto da Inteligência Emocional é um conjunto de capacidades não cognitivas e competências que influenciam a capacidade para lidar com os acontecimentos e pressões do meio ambiente.

Já Mayer e Salovey (1997) conceituam inteligência emocional (IE) como a capacidade de perceber, avaliar e expressar as emoções, fundamentada em quatro níveis: capacidade de perceber, usar, conhecer e regular as emoções para facilitar o pensamento. Esta teoria considera a IE como uma forma de inteligência que se apoia nos sistemas cognitivo e emocional, ou seja, pensamento e emoção (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002). Neste construto, distinguem-se as seguintes dimensões: interpessoal (habilidade de relacionar-se com as pessoas) e intrapessoal (habilidade de relacionar-se consigo, ou seja, ter contato com as próprias emoções).

A dimensão intrapessoal é o que se denominou Inteligência Emocional Percebida – IEP, que abrange os fatores: atenção (reconhecer as próprias emoções quando estas surgem); clareza (identificá-las e entendê-las); e reparação (gestão dos sentimentos, ou seja, interromper os estados emocionais negativos e prolongar os positivos). A IEP pode ser mensurada pelo *Trait Meta-Mood Scale – TMMS*, questionário de auto percepção desenvolvido por Mayer, Salovey, Caruso (2002).

A presente pesquisa utilizou a definição de IE proposta por Salovey e Mayer (1997), tendo como variáveis principais a IEP e a Consciência Ambiental. A investigação foi desenvolvida com jovens aprendizes do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), de Feira de Santana, na Bahia, e tem como objeto de estudo a verificação da

correlação entre os construtos da IEP e a consciência ambiental, com a finalidade de propor alguns caminhos para a superação dos desafios ambientais da sociedade contemporânea, especificamente na relação entre educação emocional e sustentabilidade.

O objetivo geral deste trabalho é analisar se existe correlação entre a Inteligência Emocional Percebida e a consciência ambiental dos jovens aprendizes que participam do Programa Nacional de Aprendizagem no SENAC.

REFERENCIAL TEÓRICO

SUSTENTABILIDADE

As discussões sobre o meio ambiente e a sustentabilidade estão em destaque na maioria dos contextos, e isso se deve ao fato de que a importância destes temas, atualmente, não é mais questionada (GONÇALVES-DIAS et al., 2009). Um dos componentes que contribuiu para essa mudança no modo de pensar foi o crescimento da consciência ecológica, tanto na sociedade quanto no governo (DONAIRE, 1995).

A noção de sustentabilidade tem duas origens. A primeira, origina-se na biologia e se refere à capacidade de recuperação e reprodução dos ecossistemas frente às ações humanas de degradação e/ou aos acontecimentos naturais (terremotos ou tsunamis). Na segunda, a origem advém da economia, na qual a palavra se emprega como um adjetivo do termo desenvolvimento, tendo em vista que o crescente padrão de produção do século XX não poderia perdurar devido ao uso em larga escala dos recursos naturais. Estabelece-se,

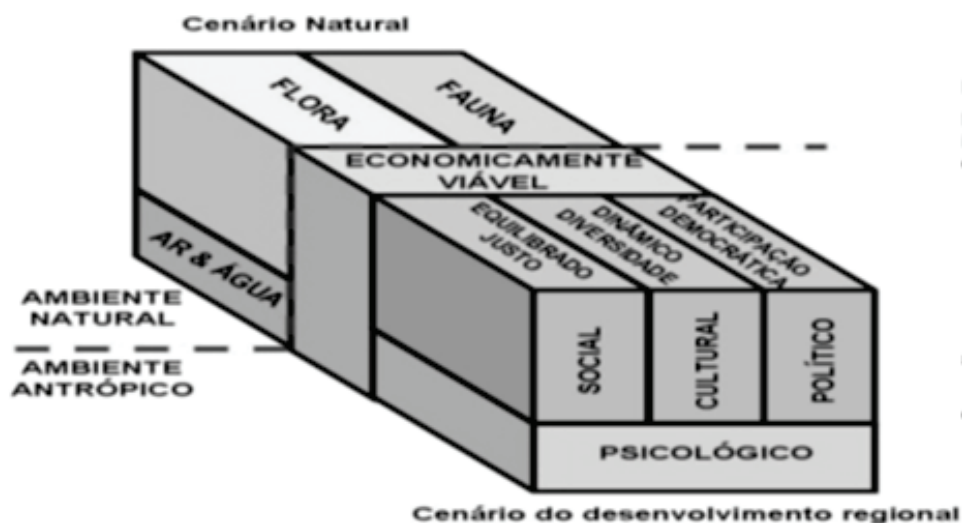
assim, a noção de sustentabilidade, uma percepção sobre a finitude dos recursos naturais (NASCIMENTO, 2012).

Dimensões da Sustentabilidade

O conceito de desenvolvimento sustentável interliga o que é para ser desenvolvido com o que é para ser sustentado no meio ambiente. Por isso, as discussões acerca do que deve prevalecer nestes dois âmbitos diferem consideravelmente, uma vez que essas interligações têm sido discutidas e consideradas de diversas maneiras, sendo influenciadas por quem e em qual esfera estão sendo discutidas (CAMARGO, 2012). Para tanto, são apresentadas as dimensões da sustentabilidade, sendo estas definidas por diversos autores. Sachs (1993) afirma que a sustentabilidade está representada por cinco dimensões: social, econômica, ecológica, geográfica, cultural e política, sendo esta última adicionada posteriormente. Já Bellen (2002) acredita que os fatores mais relevantes pertencem aos âmbitos social, ecológico e econômico.

Os estudos de Bossel (1999), Constanza (2003) e Machado e Fenzl (2001), além das dimensões citadas por Sachs (1993) e Bellen (2002), incluíram a dimensão psicológica, um dos focos desta pesquisa, que trata da relação do ser humano com o ambiente, conforme Figura 1, apresentada a seguir. É nesta dimensão que se destaca a sensação de bem-estar que vai além do aspecto social, sendo a emoção um atributo intrínseco pertencente ao indivíduo, a qual, por sua vez, influencia o comportamento (MENDES, 2009).

Figura 1. Dimensões da sustentabilidade



Fonte: Mendes (2009).

Dimensão Social

O principal objetivo da dimensão social está na construção de uma civilização onde haja a redução das desigualdades sociais, com equilíbrio na distribuição da riqueza para as gerações atuais, bem como para as futuras. Para que isto ocorra, é necessário existir a igualdade no acesso aos recursos disponíveis pela sociedade (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2014).

Dimensão Econômica

A dimensão econômica se expressa por meio da eficácia econômica avaliada em termos macro-sociais e não apenas na lucratividade empresarial. Abrange, ainda, o desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; a capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção; um razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e a inserção soberana na economia internacional (MENDES, 2009).

Dimensão Política

A dimensão política tem como objetivo fortalecer instituições democráticas e promover a cidadania ativa. Para que um projeto de desenvolvimento seja, de fato, sustentável, as necessidades dos diferentes grupos que compõem a sociedade deverão ser levadas em conta. Portanto, faz-se necessário a promoção e a garantia ao acesso universal aos direitos fundamentais: direito à participação, de expressão, de associação, de locomoção, de acesso às informações, e outros, indispensáveis ao desenvolvimento pessoal e coletivo (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2014).

Dimensão Ecológica

Esta dimensão engloba a preservação dos recursos naturais na utilização de recursos renováveis e na limitação de uso dos recursos não-renováveis; racionalização do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais, substituindo-os por recursos renováveis; redução do volume de resíduos e de poluição, por meio de conservação e reciclagem; autolimitação do consumo material; utilização de tecnologias limpas; definição de regras para proteção ambiental (MENDES, 2009).

Dimensão Cultural

Para Sachs (1993), cabe à dimensão cultural a proposição do respeito às especificidades de cada

ecossistema, cultura e local, garantindo continuidade e equilíbrio entre a tradição e a inovação (MENDES, 2009). Na busca por novos modelos de desenvolvimento, deve-se, portanto, prezar a pluralidade de soluções e a valorização da diversidade das culturas locais, com respeito às características de cada uma (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2014).

Dimensão Psicológica

A dimensão psicológica pode ser analisada em uma dupla perspectiva: tanto pode proporcionar ao indivíduo a redução das frustrações, quanto o aumento da satisfação (MACHADO; FENZL, 2001). Como foi ressaltado anteriormente, existem alguns aspectos muitas vezes não considerados nos estudos sobre a sustentabilidade, como é o caso das emoções. Cabe enfatizar que as emoções estão inseridas na decisão, preferência e explicação de comportamentos em prol ou contra o ambiente (COELHO, 2009).

Uma sociedade justa, ambientalmente sustentável que explora o ambiente a uma taxa máxima é psicologicamente e culturalmente insustentável. As necessidades psicológicas não podem deixar de constar nas discussões sobre sustentabilidade, haja vista que:

Seres conscientes podem refletir sobre suas próprias ações e seus impactos, e fazer escolhas conscientes que possuem a responsabilidade como uma orientação (BOSSSEL, 1999, p. 30).

O desenvolvimento humano é fator preponderante na obtenção do Desenvolvimento Sustentável (DS) (CAMARGO, 2012). No centro da discussão sobre o DS está a questão da qualidade de vida, que pode ser definida como o grau de prazer, satisfação e realização alcançado por um indivíduo em seu processo de vida (FRANCO, 2000).

Contudo, esta é uma dimensão que não se apresenta na maioria das discussões sobre sustentabilidade. Sobre isso, Buarque (1991) afirma que as ciências, muitas vezes, organizam-se mantendo uma radical separação entre o ser humano e a natureza e, ainda, que as ciências naturais tendem a desprezar o poder que pertence ao indivíduo de criar, transformar e até mesmo destruir o meio ambiente.

A inclusão do ser humano e todo seu potencial no cerne desta discussão é um campo que, apesar de ainda pouco explorado, vem ganhando espaço

entre a comunidade científica. Em outras palavras, o papel dos atores sociais se tornou ponto chave na implementação de ações interdisciplinares na busca pela sustentabilidade. A luta pela construção de uma mentalidade voltada ao respeito à natureza e à garantia da qualidade de vida não deve se encerrar nos movimentos e ONG's, mas sim tornar-se um pacto entre os atores da sociedade que estejam comprometidos com o presente e o futuro (REIS, 2001).

Os indícios apontam para uma realidade que precisa ser levada em consideração: o futuro dependerá de um tipo de trabalho interior e pessoal por parte dos seres humanos e que nada menos do que isso poderá surtir o efeito no combate aos problemas atuais (GEORGE, 1998). Para este autor, os seres humanos devem corrigir seu poder destrutivo em relação a si próprios como espécie e em relação à natureza. É preciso que a geração do "Eu" torne-se a geração do "nós" e desenvolva qualidades, tais como tolerância, compaixão, fidedignidade, coragem, humildade, cooperação e a vontade de se sacrificar pelo bem comum.

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

A Consciência Ambiental (CA), segundo Schlegelmilch, Bohlen e Diamantopoulos (1996) é definida como um construto multidimensional composto por elementos atitudinais, comportamentais e cognitivos. Este construto é baseado em crenças e valores, e os valores, por sua vez, são conceituados como padrões que servem de princípios norteadores da conduta humana (HAWCROFT; MILFONT, 2010).

A cultura e os costumes da sociedade antecedem a formação dos valores, que se materializam por meio do comportamento (ROKEACH, 1973). Hawcroft e Milfont (2010) destacam, por meio de suas pesquisas, que os jovens apresentam um nível de consciência ambiental maior do que as gerações que os antecedem, que a CA está diretamente ligada à renda e à escolaridade, e, por fim, que esta seja maior entre as mulheres do que homens.

A consciência ambiental é a tendência de um indivíduo em se posicionar perante os assuntos ambientais de uma maneira a favor ou contra. Esse posicionamento, sendo a favor do meio ambiente, pode ser entendido como uma mudança de comportamento, nos âmbitos da vida pessoal e coletiva (BEDANTE; SLONGO, 2004).

A investigação do comportamento é crucial para garantir a sustentabilidade ambiental e melhorar o ambiente de vida humano (VLEK, 2003).

Pesquisas realizadas pelo Worldwatch Institute (WWI, 2004, 2005) verificaram destaques ambientais positivos e negativos, e observou-se que muitos dos problemas negativos são advindos de questões sociais e problemas de comportamento.

Corroborando a ideia anterior, a Avaliação Ecosistêmica do Milênio (MEA, 2005) evidenciou que, ao longo dos últimos 50 anos de atividades humanas, 15 dos 24 ecossistemas analisados estão sendo degradados ou usados de forma insustentável, e isto trará consequências negativas, interferindo no bem-estar do indivíduo.

Considerando então que o comportamento humano é um dos responsáveis pelos danos ao meio ambiente, a solução para tais questões não perpassa apenas por invenções tecnológicas, mas, prioritariamente, quando se obtêm uma mudança de consciência que, por sua vez, irá afetar a tomada de decisão.

Pesquisas destacaram que as pessoas mais propensas a cuidar de seu entorno são aquelas com conhecimento, atitudes favoráveis, motivadas, hábeis, com *locus* de controle interno, responsáveis e com crenças pró-ambientais (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999).

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O conceito de Inteligência Emocional (IE) foi pensado inicialmente pelos pesquisadores Salovey e Mayer em 1990, como uma subforma da Inteligência Social (IS), concepção desenvolvida por Thorndike em 1936. A IS seria a habilidade de decodificar informações oriundas do contexto social e de desenvolver estratégias comportamentais eficazes com vistas a objetivos sociais (SIQUEIRA et al., 1999).

A definição do conceito da IE abrangeria, portanto, a habilidade do indivíduo perceber seus próprios sentimentos e emoções, bem como os sentimentos e emoções dos outros, de distingui-los, utilizando essas percepções como guia para suas ações e seus raciocínios.

Apenas em 1996, quando da primeira publicação do livro de Daniel Goleman, intitulado "Inteligência Emocional: A teoria que redefine o que é ser inteligente", o conceito se popularizou no Brasil. De acordo com Fernández-Berrocal (2001), existem dois grandes modelos sobre a IE, os modelos mistos e o de aptidão. O primeiro combina dimensões da personalidade, como otimismo e a capacidade de automotivação com habilidades emocionais (BARON, 1997; GOLEMAN, 1996). Já o segundo, centra-se exclusivamente no processamento emocional da informação e no estudo das capacidades

relacionadas a este (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 1997).

A empatia se configura como a quarta habilidade e se constitui na capacidade de perceber os sentimentos dos outros, por meio da compreensão de comportamentos não verbais de comunicação, tais como expressões faciais, tom de voz e postura corporal. A sociabilidade é a quinta habilidade, sendo definida como a capacidade de iniciar, aprofundar e manter relações sociais. Ter alto índice de sociabilidade é ser capaz de substituir sentimentos negativos por positivos e disseminá-los às pessoas, fazendo com que os relacionamentos sejam duradouros (GOLEMAN, 2001).

Mayer e Salovey (1997), expoentes do modelo de aptidão, consideram que a IE é uma inteligência que combina as emoções e o pensamento. Para eles, a IE envolve a capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções, capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando estes facilitam o pensamento, capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional, e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Após revisões literárias sobre o assunto, os autores Rego e Fernandes (2005) verificaram que as aprendizagens de sucesso e elevados desempenhos resultam da reunião entre aptidões emocionais e racionais.

Educação Emocional

A educação emocional amplia a visão acerca do papel das instituições e dos agentes formadores, uma vez que, para além de conteúdos curriculares, busca-se a construção de conhecimentos essenciais para a vida. Esse projeto maior exige, além de qualquer componente específico, o aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformarem momentos de crise pessoal em lições de competência emocional (GOLEMAN, 2001, p. 294).

A Educação Emocional compõe-se de três aptidões: a capacidade de entender as emoções; ouvir as outras pessoas; empatizar com suas emoções e expressar as emoções produtivamente (STEINER; PERRY, 2001, p. 23).

Em outras palavras, uma pessoa emocionalmente educada é capaz de lidar com suas próprias emoções e com as emoções do outro, de modo a desenvolver seu poder pessoal e ter qualidade da vida.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os sujeitos pesquisados foram 80 jovens aprendizes de 14 a 24 anos, matriculados no programa Jovem Aprendiz no Serviço Nacional de Educação – SENAC -, de Feira de Santana, na Bahia. Este programa tem a duração média de um ano e ocorre em parceria entre o SENAC e as empresas do setor de comércio de bens, serviços e turismo. Essas empresas, que são obrigadas pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT – a preencherem suas cotas de aprendizagem, recrutam, selecionam, contratam e enviam os jovens para obterem a capacitação profissional no SENAC.

Em se tratando de uma pesquisa que envolveu questões subjetivas do indivíduo e métodos quantitativos com utilização ampla do aparato estatístico, optou-se pela adoção da abordagem de pesquisa quali-quantitativa. Por um lado, a perspectiva qualitativa evidencia as significações das emoções para os sujeitos, envolvendo aspectos subjetivos e intrínsecos a estes. Por outro, faz-se necessário a apropriação de técnicas da pesquisa quantitativa, envolvendo a análise estatística dos resultados e a correlação das variáveis aqui propostas, a saber: Inteligência Emocional Percebida (IEP) e a Consciência Ambiental (CA), acessadas a partir de instrumentos quantitativos.

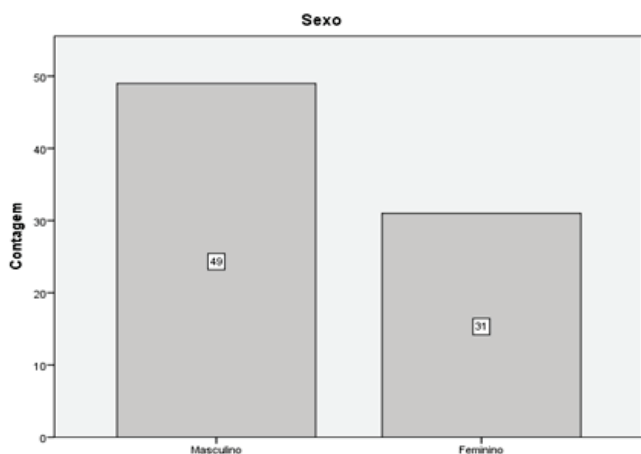
Nesta pesquisa foram utilizados três questionários, um para averiguar dados sociodemográficos da população investigada; um para mensurar a IEP, o *Trait Meta-Mood Scale* (TMMS-24); e outro para mensurar a CA, o Novo Paradigma Ambiental (NEP – New Environmental Paradigm) desenvolvido por Dunlap e Van Liere (1978), e revisado pelos próprios autores em 2000 (DUNLAP et al., 2000).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

FASE DESCRITIVA - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A primeira variável a ser apresentada é o gênero dos respondentes. Observou-se, na literatura, que alguns estudos apontaram diferenças em relação à CA entre homens e mulheres. De acordo com Hawcroft e Milfont (2010), espera-se que as mulheres apresentem um nível de CA maior que os homens. Os jovens aprendizes inscritos no Programa Nacional de Aprendizagem Comercial do SENAC caracterizam-se por serem 49 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, conforme Figura 2.

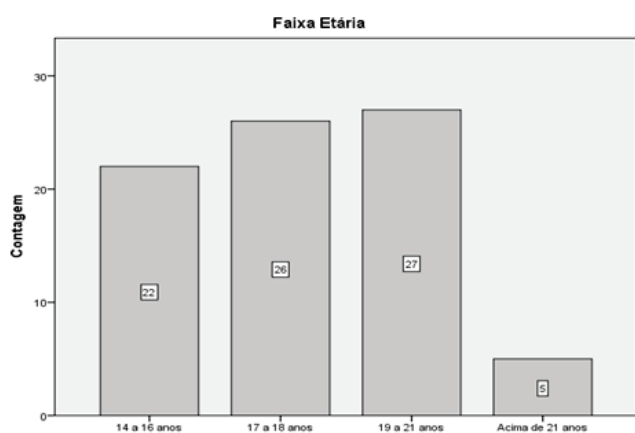
Figura 2. Gênero



Fonte: dados da pesquisa, 2015

Quanto à faixa etária, Hawcroft e Milfont (2010) acreditam que o nível de consciência ambiental é maior entre os mais jovens do que na geração que os antecede. A respeito da população pesquisada, observa-se que 27 jovens se encontram na faixa etária entre 19 a 21 anos, 26 possuem entre 17 e 18 anos, 22 têm idade entre 14 e 16 anos, e apenas 5 ultrapassaram os 21 anos (Figura 3).

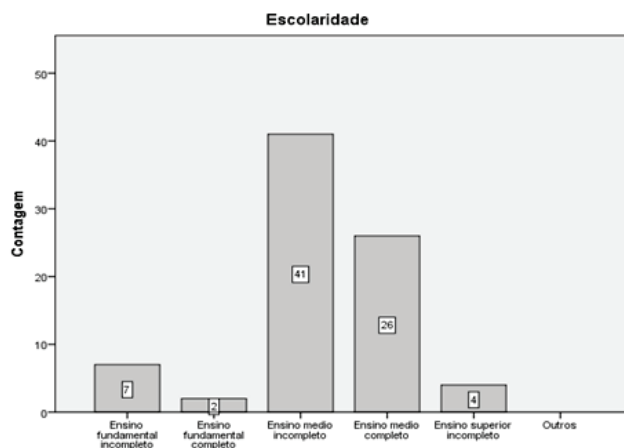
Figura 3. Faixa Etária



Fonte: dados da pesquisa, 2015

No tocante à escolaridade, Silva Filho et al. (2007) acreditam que a educação é uma variável que tem relação direta com o valor da Escala NEP. Corroborando esta ideia, Hawcroft e Milfont (2010) argumentam que o nível de consciência ambiental é proporcional à escolaridade, ou seja, quanto maior o nível de escolarização, maior o nível de consciência ambiental apresentada. Nesta pesquisa, a maioria, 41 respondentes, estava cursando o ensino médio e 26 já tinham completado o segundo grau, sendo que apenas 4 jovens encontravam-se cursando o ensino superior, conforme Figura 4.

Figura 4. Escolaridade



Fonte: dados da pesquisa, 2015

FASE EXPLORATÓRIA – ANÁLISE DE CORRELAÇÃO

Após a aplicação e tabulação dos questionários no Programa Estatístico SPSS, foram calculados coeficientes que representam o índice geral dos construtos discutidos nesta pesquisa, a saber: NEP (medida da CA) e TMMS (medida da IEP). Este cálculo, efetuado por meio da soma das medianas, apresenta-se nos quadros a seguir:

Quadro 1. Descritivo do Coeficiente NEP_Geral – Consciência Ambiental

		Estatística	Modelo padrão	
FATOR_NEP_GERAL	Média	4,3563	0,07713	
	Intervalo de confiança de 95% para média	Limite inferior	4,2027	
		Limite superior	4,5098	
	5% da média aparada	4,4097		
	Mediana	4,5000		
	Variância	0,476		
	Desvio padrão	0,68986		
	Mínimo	2,00		
	Máximo	5,00		
	Range	3,00		
Amplitude interquartil	1,00			

Fonte: dados da pesquisa, 2015

A partir da análise do Quadro 1, pode-se inferir que, de modo geral, os jovens pesquisados concordam com o novo paradigma ecológico, e, portanto, estariam mais propícios a desenvolverem atitudes ambientais favoráveis. Isso corrobora a perspectiva teórica da predominância das crenças ecocêntricas, em detrimento das crenças antropocêntricas.

No tocante à Inteligência Emocional Percebida, por meio do mesmo cálculo da mediana, encontrou-se um valor (4,0) que, conforme o Quadro 2, representa um índice favorável da Inteligência Emocional Percebida na amostra estudada.

Por fim, ao realizar a análise de correlação entre os construtos TMMS e NEP, encontrou-se evidência, a um nível de significância de 1%, de que existe correlação entre a inteligência emocional percebida e a consciência ambiental ($R\hat{o}$ de Spearman = 0,445; p -valor < 0,01), considerada, portanto, altamente significativa, conforme o Quadro 3.

Ao identificar essa correlação, é possível reforçar a crença de que, à medida que o indivíduo tem contato com seus sentimentos, discrimina-os, consegue administrá-los e sentir empatia para com seu próximo, também se apresenta como favorável a sua consciência ambiental, e, portanto, mais propício

a desenvolver comportamentos sustentáveis.

Quando se concebe tal dimensão oculta nas proposições sobre sustentabilidade, como é o caso das emoções, discutida anteriormente, é possível pensar múltiplas alternativas para o alcance de um patamar emocional mais equilibrado, mitigando, assim, os entraves, que impedem e/ou limitam os seres humanos de se sentirem parte desse meio ambiente. Essa perspectiva tem relação com a discussão de Camargo (2012), nos seguintes aspectos: as dificuldades em nível intrapessoal dos seres humanos para compreenderem e lidarem com suas emoções; a visão imediatista da vida e do trabalho, a dificuldade de os indivíduos se colocarem no lugar do outro, e a ênfase dada à competição em detrimento da cooperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas não almejam finalizar a discussão sobre a correlação da IEP e a CA, mas sim, trazer à tona os indícios que foram encontrados, por meio deste estudo, para que a comunidade acadêmica e demais pesquisadores da área possam voltar o olhar para o potencial inovador que a Educação Emocional apresenta em

Quadro 2. Descritivo do Coeficiente TMMS_Geral – Inteligência Emocional Percebida

		Estatística	Modelo padrão	
FATOR_TMMS_GERAL	Média	4,2688	0,07903	
	Intervalo de confiança de 95% para média	Limite inferior	4,1114	
		Limite superior	4,4261	
	5% da média aparada	4,3264		
	Mediana	4,0000		
	Variância	0,500		
	Desvio padrão	0,70685		
	Mínimo	2,00		
	Máximo	5,00		
	Range	3,00		
Amplitude interquartil	1,00			

Fonte: dados da pesquisa, 2015

Quadro 3. Cálculo de Correlação

		FATOR_NEP_GERAL	FATOR_TMM S_GERAL
Rô de Spearman	FATOR_NEP_GERAL	Correlações de coeficiente	1,000
		Sig. (2 extremidades)	.
		N	80
	FATOR_TMMS_GERAL	Correlações de coeficiente	0,445**
		Sig. (2 extremidades)	0,000
		N	80

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: dados da pesquisa, 2015

relação ao desenvolvimento de uma consciência ambiental, e, conseqüentemente, ações mais sustentáveis.

Ao concluir esta pesquisa, que tem como questão norteadora a identificação da existência de correlação entre os construtos da IEP e CA, detém-se que o seu objetivo geral foi alcançado no que concerne à correlação estatisticamente encontrada e classificada como altamente significativa (Rô de Spearman = 0,445; p-valor < 0,01); mensurações efetuadas por meio dos questionários NEP e TMMS-24; verificação concluída a respeito das variáveis sexo, renda, escolaridade, sendo que, neste estudo, não se evidenciou diferenças significativas nos resultados da população pesquisada.

Observa-se certa coerência na proposição dos temas centrais, quais sejam: a autoconsciência, a administração das emoções e a empatia. À medida que o jovem avalia e tem contato com seus sentimentos, mais chances existem de ele conseguir se colocar no lugar do colega, pai, mãe, professor, e mais apto estará para gerir tais emoções, sendo solidário com o outro, no exercício da empatia, e, por conseguinte, haverá mais possibilidades de se desenvolver a “geração do nós”, discutida nesta pesquisa.

Tendo em vista os coeficientes NEP_Geral e TMMS_Geral, obtidos por meio do SPSS, que refletem os índices gerais dos construtos pesquisados, pode-se inferir que os jovens aprendizes do Programa Nacional de Aprendizagem Comercial do SENAC possuem Consciência Ambiental e Inteligência Emocional Percebida favoráveis, havendo, contudo, espaço e potencialidades para que tais variáveis possam ser mais amplamente discutidas, e por conseguinte, ser alcançado um maior índice de consciência ambiental por meio da Educação Emocional.

O SENAC, enquanto instituição, possui autonomia para atualizar sua organização curricular permanentemente, sendo assim, acredita-se que ao observar os dados apresentados nesta pesquisa, a Educação Emocional pode ser inserida na grade de disciplinas.

Dito isso, é possível extrapolar que a inserção da Educação Emocional na organização curricular da referida instituição, pode vir a ter a capacidade de fortalecer a dimensão psicológica da sustentabilidade, superando os desafios mencionados anteriormente, e fazer os indivíduos refletirem sobre suas ações e tornar as escolhas, do ponto de vista ecológico, mais conscientes.

Ao final deste trabalho, evidencia-se a importância de se desenvolverem outras pesquisas

na área, tendo em vista os inúmeros benefícios que as estratégias apresentadas podem trazer para os jovens, tendo como o principal deles, o aumento da consciência ambiental, e, conseqüentemente, um comportamento mais sustentável.

REFERÊNCIAS

BAR-ON, R. **The emotional intelligence inventory (EQ-I)**: Technical manual. Toronto: Multi-Health Systems, 2002.

_____. **The emotional intelligence inventory (EQ-I)**: Technical manual. Toronto: Multi-Health Systems, 1997.

BEDANTE, G. N.; SLOGO, L. A. **O comportamento de consumo sustentável e suas relações com a consciência ambiental e a intenção de compra de produtos ecologicamente embalados**. ENCONTRO DE MARKETING DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 2004, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, RS, Brasil, 2004.

BELLEN, H. M. V. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2002.

BOFF, L. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BOSSEL, H. **Indicators for sustainable development: theory, method, applications: a reporter to the Balaton Group**, International Institute for Sustainable Development. Canada, 1999.

BUARQUE, C. **A desordem do progresso: O fim da era dos economistas e a construção do futuro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BURSZTYN, M. A. A.; BURSZTYN, M. **Desenvolvimento sustentável: biografia de um conceito**. In: NASCIMENTO, E. P. do; VIANNA, J. N. (Org.) **Economia, meio ambiente e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CAMARGO, A. L. B. **Desenvolvimento Sustentável: dimensões e desafios**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

COELHO, J. A. P. M. **Habilidade de conservação de água: uma explicação pautada em valores humanos, emoções e atitudes ambientais**. Tese de doutorado.

Programa de Doutorado Integrado em Psicologia Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J.Q. **Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental.** *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 4, n. 1, June 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2014.

COSTANZA, R. **A vision of the future of science: reintegrating the study of humans and the rest of nature.** 2003. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 10 set. 2014.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa.** São Paulo: Atlas, 1995.

DUNLAP, R. E; VAN LIERE, K. D. **The “new environmental paradigm”: a proposed measuring instruments and preliminary results.** *The Journal of Environmental Education*, v.9, 1978.

FERNÁNDEZ-BERROCAL, P., SALOVEY, P., VERA, A., RAMOS, N., E EXTREMERA, N. Cultura, inteligência emocional percebida y ajuste emocional: un estudio preliminar. *Revista Electrónica de Motivación y Emoción*, 2001.

FRANCO, M. A. R. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável.** São Paulo: Annablume, 2000.

GEORGE, J. **Olhando pela Terra: O despertar para a crise espiritual/ecológica.** São Paulo: Gaia, 1998.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria que redefine o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Inteligência emocional** (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GONÇALVES-DIAS, S. L. P. **Consciência ambiental: um estudo exploratório sobre suas implicações para o ensino de administração.** *Revista de Administração de Empresas – Eletrônica*, São Paulo, v. 8, n. 1, jan./jul. 2009.

HAWCROFT, L.J; MILFONT, T. The use (and abuse) of the new environmental paradigm scale over the last 30 years: a meta-analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 2010.

LEITE, M., ALVES, J. **A família também ensina.** Lisboa: ASA, 2005.

MACHADO, J.A. C.; FENZL, N. **A sustentabilidade do desenvolvimento e a demanda material da economia: o caso do Brasil comparado ao de países industrializados.** 2001. Disponível em: <www.ufpa.br/amazonia21/publicacoes/MFA-Brasil/Artigo-tese-Machado-MFA-Brasil.htm>. Acesso em: 10 set. 2014.

MATURANA, H.; DAVILA, X. **Ética e desenvolvimento sustentável – caminhos para a construção de uma nova sociedade.** Conferência Internacional de Gestão Social, 1a FIERGS/SESI/UFRGS/PUCRS, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a13v16n3.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

MAYER, J., SALOVEY, P., E CARUSO, D. A inteligência emocional como zeitgeist, como personalidade e como aptidão mental. In R. Bar-On e J. D. A. Parker (Eds.), **Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho** (R. C. Costa, trad.). Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MAYER, J. D., SALOVEY, P. **What is emotional intelligence?** In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence: Implications for educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books, 1997.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MEA. **Millennium ecosystem assessment synthesis report.** Retrieved: September, 2005.

MENDES, J. M. G. **Dimensões da Sustentabilidade.** *Revista das Faculdades Santa Cruz*, 2009. Disponível em: <http://www.santacruz.br/v4/download/revista-academica/13/cap5.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

NASCIMENTO, E. P. **Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico.** *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 26, n. 74, p. 51-64, jan. 2012. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10624/12366>>. Acesso em: 10 Set. 2014.

REIS, E. S. **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** 2001. Disponível em: www.members.tripod.com/pedagoia/desenv_sust.htm. Acesso em: 10 set. 2015

REGO, A; FERNANDES, C. **Inteligência emocional: Contributos adicionais para a validação de um instrumento de medida.** *Psicologia*, vol. 19, n.º 1-2, 2005.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: Free Press, 1973

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio-ambiente**. São Paulo: Nobel/Fundap, 1993.

SCHLEGELMILCH, B.; BOHLEN, G. M.; DIAMANTOPOULOS, A. The link between green purchasing decisions and measures of environmental consciousness. **European Journal Marketing**, v. 30, n. 5, p. 35-55, 1996

SERRÃO, M; ALMEIDA, A; CARESTIATO, A. **Sustentabilidade: uma questão de todos nós**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014. 208 p.

SIQUEIRA, M.M; BARBOSA, N.C; ALVES, M.T. **Construção e validação fatorial de uma medida de**

Inteligência Emocional. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, 1999.

STEINER, C; PERRY, P. **Educação emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional**. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

VLEK, C. Globalização, dilemas dos comuns e qualidade de vida sustentável: do que precisamos, o que podemos fazer, o que podemos conseguir? **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, Natal, maio/ago., 2003.

WWI. Worldwatch Institute. **State of the world: Redefining global security**. New York/London, 2005.

_____. _____. **Special focus: The consumer society**. New York/London, 2004.